

Autora com mais de 500 milhões de exemplares
vendidos ao redor do mundo

NORA ROBERTS



A escolha

LEGADO DO CORAÇÃO DE DRAGÃO

• LIVRO 3 •

 **essência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

NORA
ROBERTS

A escolha

LEGADO DO CORAÇÃO DE DRAGÃO

• LIVRO 3 •

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Nora Roberts, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Choice*

Preparação: Ligia Alves
Coordenação editorial: Algo Novo Editorial
Revisão: Natália Mori e Mariana Rimoli
Diagramação: Vanessa Lima
Capa: Renata Vidal
Imagem de capa: getgg / Shutterstock; atk work / Shutterstock; CHAPLIA
YAROSLAV / Shutterstock; Vac1 / Shutterstock; Ironika / Shutterstock;
andreiuc88 / Shutterstock

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Roberts, Nora
A escolha: legado do coração de dragão: livro 3 / Nora Roberts;
tradução de Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
464 p.

ISBN 978-85-422-2323-1
Título original: *The Choice*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. Dolinsky,
Sandra Martha

23-3894

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Depois do evento que ficou conhecido como a Batalha do Portal da Escuridão, Breen passou três semanas na Capital. Os primeiros dias foram muito dolorosos; ela ajudou a cuidar dos feridos e a transportar os mortos dos campos de batalha, encharcados de sangue e cobertos de cinzas.

Abraçou Morena enquanto sua amiga mais velha chorava, inconsolável, pela perda do irmão. Fez o possível para confortar os pais de Phelin, sua esposa grávida, o irmão e a família dele, seus avós, também sentindo a dor que a cortava como uma lâmina.

Breen havia acabado de se lembrar dele, de reencontrá-lo depois de tantos anos, e agora ele estava morto por defender Talamh contra as forças desencadeadas pelo avô dela.

Ela ficou ao lado da família na cerimônia de partida, segurando a mão esquerda de Morena enquanto Harken segurava a direita.

Ela sentiu a dor de sua amiga como um maremoto quando as cinzas de Phelin, e tantas outras, voaram sobre o mar até as urnas que seus entes queridos seguravam.

Abraçou Morena com força antes de ela e Harken voarem de volta ao vale. E, sabendo da tristeza deles, observou Finola e Seamus, de mãos dadas, abrirem suas asas e os seguirem.

Estando Keegan ocupado com reuniões do conselho e patrulhas, ela visitou as famílias de luto, até que ficou tão tomada pela tristeza delas que não entendia como não se afogara em lágrimas.

Depois da primeira semana, tentou convencer Marco a voltar à Cabana Feérica.

— Vou ficar com minha menina — disse ele com a mandíbula cerrada sob o cavanhaque.

Como ela já esperava essa resposta, havia se preparado. Estavam na ponte abaixo do castelo, observando o cão d'água, Porcaria, nadar e mergulhar; ela enganchou seu braço no de Marco, seu amigo mais

próximo, que sempre estivera e sempre estaria ao seu lado. E que provara isso pulando para outro mundo com ela.

— Sua menina está bem.

— Não muito. Você está exausta, Breen, com tanta coisa nas costas.

— Todo mundo está sobrecarregado, Marco. Você...

— Eu ajudei, claro.

Marco olhou para um campo onde havia gente treinando com espada, punho e arco. E se lembrou do sangue e dos corpos antes espalhados ali.

Jamais se esqueceria disso.

— Eu ajudei — repetiu —, mas você assumiu mais coisas que qualquer pessoa. E leva tudo para seu coração.

— Odran fez tudo isso para chegar até mim. Eu sei que não é culpa minha — retrucou antes que ele pudesse falar. — Nem minha, nem de meu pai, nem de minha mãe ou Nan. É tudo culpa dele. Mas isso não muda o fato de que tanta gente morreu porque Odran quer a mim, quer o que eu sou, o que eu tenho. Por isso, se eu puder diminuir um pouco a dor deles, mesmo que temporariamente, absorvendo essa dor, é isso que eu preciso fazer.

Ele desenganchou o braço dela e a puxou para si.

— É por isso que eu vou ficar.

— É por isso que eu estou pedindo para você voltar. — Ela acariciou o rosto dele e fitou seus olhos castanhos quentes e preocupados. — Eu mesma quero voltar, mas sinto que preciso ficar mais um pouco. Mas isso não significa que eu não quero dar apoio a Morena, a Finola e Seamus. Eles são uma família para mim, Marco, e não estou lá com eles.

— Você estava, e eles sabem que está aqui agora por causa dos pais de Phelin, a esposa e o irmão dele.

— Isso é um dos motivos de eu ter que ficar. Vá, fique com Morena e os outros no meu lugar, Marco. Pelo vale. Nós perdemos muita gente, volte com Brian.

— Em primeiro lugar, Brian vai partir amanhã ao amanhecer, vai para o oeste no dragão. Nem ferrando que vou voar naquele maldito dragão de novo nesta vida.

Ela sorriu.

— Eu posso fazer uma poção calmante para você.

— Que boa ideia! — Marco revirou seus olhos castanhos. — Vou voar de dragão, mas ficar chapado primeiro. Quer saber? Não.

— E se você for a cavalo? Keegan vai enviar Brian e algumas tropas para o oeste, e alguns vão a cavalo. Você gosta de montar, e monta melhor do que eu, o que é meio irritante. Você iria tirar uma preocupação de mim, Marco. Juro por Deus que essa é a verdade.

— Me deixe ver a sua carinha. — Ele a olhou nos olhos e suspirou. — Droga, é verdade. Mas eu não gosto da ideia de abandonar você.

— Eu sei, por isso eu sei que o que estou te pedindo é difícil. Mas eu tenho Keegan e a minha fera aqui.

Porcaria saltou para a ponte e se sacudiu, todo feliz. Voou água para todo lado; os olhos do cachorro dançavam, mas Breen se lembrou de como ele se lançara à batalha; lembrou-se do sangue no focinho dele e do brilho do guerreiro naqueles olhos felizes.

— E, também — acrescentou —, eu sou uma bruxa muito poderosa.

— *Muito poderosa* é um eufemismo. Eu vou, mas você tem que me prometer que vai mandar mensagem todo dia, Breen. Senão, nada feito. Mande um falcão ou qualquer outra coisa.

— Fui à loja de Ninia Colconnan ontem e comprei um espelho de clarividência para você.

— Um o quê?

— É um recurso para falar com você. Além disso, é bonito. É como uma chamada por Zoom, vou te mostrar como funciona. — Ela passou as mãos pelo cabelo ruivo encaracolado. — Você vai tirar um peso das minhas costas, sério. E, pensando em termos práticos, se Sally ou Derrick tentarem entrar em contato, não vão conseguir e vão ficar preocupados.

Era uma boa estratégia, pensou Breen, usar Sally, a mãe de coração de ambos, para convencer Marco.

— Pois é — ele enfiou as mãos nos bolsos —, eu estava pensando nisso.

— Para evitar problemas, chame os dois no FaceTime quando voltar. E — ela cutucou a barriga dele — volte ao trabalho. Por mim.

Agachando-se, ela passou as mãos sobre Porcaria para secá-lo, fazendo os cachos púrpura dele saltarem.

— E você? Eu sei que não deve estar conseguindo escrever muito.

— Um pouco. — Ela deu um puxãozinho delicado na barba canina de Porcaria e se levantou. — Não estou conseguindo trabalhar na nova aventura de Porcaria; não consigo escrever sobre coisas felizes agora. Mas estou trabalhando um pouco no segundo esboço do romance adulto. Tenho mais informações sobre cenas de batalha agora.

— Ah, Breen...

Ela se aninhou nele. Sempre podia se aninhar nele.

— Está tudo bem, Marco, já falamos sobre isso. Nós lutamos e matamos coisas más. — Ela o encarou com seus olhos cinzentos duros e os ombros firmes. — Quando chegar a hora, vou fazer tudo de novo. E de novo e de novo, até que isso tudo acabe.

Então, seu olhar duro se abrandou, e ela pegou as mãos de Marco.

— Vamos. Vou te ajudar a fazer as malas e te dar uma aula sobre espelhos de clarividência.

Sob as brumas do amanhecer ela o viu partir. Seu amigo Marco, nascido e criado na cidade, estava sentado na sela como se montasse desde criança. A égua, animada, dançava embaixo dele, e Breen ouviu Marco rir enquanto partia trotando com os guerreiros, em direção ao oeste.

Acima, um trio de dragões, brilhantes como joias à luz do amanhecer, sobrevoou um céu cinza de novembro com seus cavaleiros. Um par de fadas voava atrás deles.

Haveria batalha e sangue de novo, provocados pelo deus caído Odran. Seu avô.

Mas Marco estaria seguro, pensou Breen, tão seguro quanto qualquer um poderia estar em uma terra dedicada à paz e ameaçada por um deus determinado a fazer guerra.

E ele, o melhor ser humano já nascido, estaria com o homem que amava. Por enquanto era tudo que ela podia esperar.

— Ele vai ficar mais do que bem — disse Keegan, que ao lado dela assistia desaparecer nas brumas aqueles que enviara ao oeste. — E você fez bem em convencê-lo a ir.

— Eu sei. Eu sei que ele vai levar conforto ao vale. É importante.

— Sim, é importante. Você levaria também. Eu quero você aqui por... algumas razões, mas sei que você serviria a um propósito lá e encontraria conforto.

— Não estou pronta para ser confortada.

Ela estudou Keegan, aquele homem, aquele bruxo, aquele guerreiro que ela passara a amar, a querer, a necessitar quase mais do que podia suportar. Forte e robusto, com seu cabelo escuro e sua trança de guerreiro desarrumada. E ela viu tanto fadiga quanto raiva nas profundezas verdes dos olhos dele.

— Nem você — disse.

— Não, nem um pouco.

— E, com a passagem de Odran selada de novo, não há ninguém com quem lutar aqui neste momento.

Ele a fitou longa e friamente.

— Desejar a guerra é desejar a morte. Essa não é nossa maneira de agir.

— Não é isso que estou dizendo, Keegan. Você treina para a guerra porque Talamh e todos os mundos precisam de proteção e defesa. Você me ensinou isso, da maneira mais difícil, me fazendo cair de bunda muitas vezes no treinamento, todas elas muito doloridas.

Dando de ombros, ele olhou para um dos campos de treinamento.

— Não é tão fácil derrubar você hoje em dia.

— Segura essa onda. Odeio admitir isso, mas nunca serei uma ótima espadachim nem um Robin Hood no manejo do arco.

— São boas essas histórias de Robin Hood. E não vai mesmo.

— A língua você não segura, com certeza.

Ele deu um sorrisinho e enrolou um cacho dela em torno de seu dedo.

— Por que mentir quando a verdade está aí? Mas você está melhor do que antes.

— O que não quer dizer muita coisa.

— Você está sempre evoluindo. Sua magia é... incrível. Essa é e sempre vai ser sua arma mais afiada. E tem isto — ele levantou a mão

dela e virou o pulso para passar o dedo sobre a tatuagem —, *misneach*. Coragem, e a sua é tão afiada quanto a sua magia.

— Nem sempre.

— O bastante. Você mandou Marco embora, negou a si mesma o conforto dele pelo bem dos outros. Isso é coragem. Você iria com ele, mas vai ficar porque eu preciso que fique.

— Por algumas razões.

— Por algumas razões.

Crianças se dirigiam ao campo de treinamento, algumas voando com suas asas, outras com sua velocidade élfica, e outras ainda bocejando.

Não era dia de aula, percebeu Breen, pois Talamh prezava muito a educação. Ela olhou nos olhos suplicantes de Porcaria.

— Pode ir.

Ele saiu correndo e latindo de alegria.

— Você não perguntou quais são as razões — observou Keegan.

— Você acha que eu estou mais segura aqui, ao seu lado. Shana tentou me matar duas vezes, e ela é de Odran agora.

— Todos os portais estão vigiados, ela não pode passar. Ela não pode machucar você.

— Ela não vai me matar.

Ele estreitou os olhos.

— Você anteviu isso?

Ela balançou a cabeça.

— Eu sei que não vou dar essa satisfação a ela. Mas ainda resta Yseult. Ela tentou me pegar duas vezes, não para me matar, porque, ao contrário de Shana, ela não é, como diz o Marco, louca de babar. O que ela queria era me neutralizar o suficiente para me levar até Odran. Na primeira vez ela teria conseguido, se não fosse por você. Na segunda vez, bem ali atrás — Breen se virou e apontou —, eu a derrotei. Mas deixei minhas emoções, minha raiva, minha necessidade de machucá-la e puni-la interferirem, em vez de simplesmente acabar com ela. Não vou cometer esse erro de novo.

— Você se tornou feroz, *mo bandia*.

Feroz? Isso ela não sabia; resoluta, sim. Ela se tornara resoluta.

— Eu me considereí comum, menos que isso, durante muito tempo. Mas agora sei o que sou, o que tenho, e vou usar isso. Ficar se preocupando comigo tira o seu foco do que você precisa fazer. Você tem que parar com isso.

Como ela, Keegan ficou observando as crianças se preparando para o treinamento. Tão jovens, pensou, com um misto de orgulho e arrependimento. E, levando a mão à empunhadura de sua espada, ele recor-
dou que já havia sido e feito o mesmo.

— Você acha que a única razão para eu querer você aqui é a preocupação?

— É um fator, mas eu também sou útil aqui, e você sabe disso.

— É verdade. Você ajudou na cura de feridos e deu conforto a todos, mais ainda com suas visitas aos enlutados. E isso a consome muito. Dá para ver.

— Muito obrigada. Vou começar a usar maquiagem.

— Você é linda.

O jeito como ele disse isso, tão casualmente, provocou em Breen uma emoção ridícula.

— Mesmo quando está cansada — prosseguiu ele —, e tão pálida que eu vejo a dor deles em você.

— Você faz o mesmo. Sim, você é *taoiseach*, é seu dever, mas é mais do que isso. Você também sofre, Keegan.

— Não tire isso de mim — disse ele, impedindo que Breen pousasse a mão no coração dele. — Nem uma gota; eu preciso disso, assim como preciso da raiva, como preciso de sangue-frio. Eu sei que você ajudou com os mortos, mas não queria que passasse por isso.

— Eles também são meu povo. Sou tão *talamish* quanto americana. Provavelmente mais, em termos de lealdade.

— Mesmo assim, eu não queria. Você mandou Marco embora e eu não posso lhe oferecer, agora, o mesmo tipo de companhia aqui, em um lugar que não é o seu lar, como a Irlanda ou o vale. Quase não passei tempo com você além do necessário para fazer sexo e dormir; mais dormir que fazer sexo, infelizmente. Acho que esta é a conversa mais longa que já tivemos sozinhos desde a batalha.

— Você é *taoiseach*, e já teve reuniões do conselho, julgamentos... Eu sei que falou com todos os feridos, todos os que perderam alguém.

Eu sei porque eles me contaram. Há reformas, treinamento, e nem consigo imaginar o que mais para fazer. Você acha que eu espero que passe tempo comigo sendo que você tem muito mais coisas para fazer e em que pensar?

Ele a fitou com aquele seu jeito intenso, mas logo desviou o olhar de novo para os campos de treinamento e a aldeia.

— Não, você não espera, e talvez seja por isso que eu gostaria de poder lhe dar atenção. Você ainda é um mistério para mim, Breen Siobhan. E tudo que sinto por você é outro mistério, do qual nem sempre gosto.

Ela sorriu de novo.

— Isso fica bem claro às vezes.

— Preciso de você aqui por todos os motivos que você mesma disse, sim, mas também por mim. Não tenho que gostar disso também, mas... estou tentando explicar como posso.

Breen se emocionou por vê-lo se dar ao trabalho de tentar se explicar.

— Você está ficando melhor nas explicações. Nunca será ótimo, mas acho que, com a prática, pode chegar a ser competente.

Ele contraiu as comissuras da boca.

— Boa vingança.

— Concordo. Mas eu gosto de ser necessária. — Ela passou os dedos pela trança de guerreiro dele. — Durante muito tempo, não fui necessária. Bem, eu era para Marco, Sally e Derrick, mas isso é diferente. Portanto, se só temos tempo para dormir e transar, vai ter que ser suficiente.

— Não tenho mais tempo agora. Maldita reunião do conselho!

— Tudo bem, tenho que ir para o campo de treinamento daqui a pouco. Malditos arco e flecha!

— Ouvi dizer que você já não é mais tão ridícula quanto antes.

— Cale a boca! Vá ser o líder do mundo.

Ele colocou as mãos sob os cotovelos dela e a fez ficar na ponta dos pés. Beijou-a repetidamente enquanto as brumas se dissipavam e o sol surgia.

— Mantenha Porcaria com você, está bem? E leve alguém, Kiara ou Brigid, ou quem quiser, se for à vila ou fazer alguma visita.

— Pare de se preocupar.

— Vou me preocupar menos se você fizer o que estou pedindo.

— Tudo bem. Então se preocupe menos. Vou pegar meu arco e ser menos ridícula. E acho que vou me divertir mais do que você.

— Disso não tenho dúvidas. Mantenha o cachorro por perto — repetiu ele, e seguiu pela ponte em direção ao castelo, onde o estandarte tremulava a meio mastro.



Ela se mantinha ocupada, dia após dia, treinando e ajudando nos concertos – tanto com magia quanto com as mãos –, e passava o máximo de tempo que podia com a família de Phelin.

Era sua família também, ela pensava, enquanto mais e mais lembranças de seus primeiros três anos de vida voltavam à sua mente. As mãos grandes de Flynn jogando-a para o alto e ela gritando, Sinead e seus biscoitos de glacê, ela correndo pelos campos com Morena, Seamus e Phelin, sempre tramando uma aventura...

Ela se sentia tão à vontade com eles quanto na fazenda onde havia nascido.

Mas fora Flynn, guerreiro, membro do conselho, pai, que finalmente rompera a corda que a mantinha amarrada a seu próprio luto.

Ela queria o ar, e queria o silêncio. Depois de se permitir duas horas de manhã cedo para trabalhar em seu livro – esperando ter mais duas à noite –, Breen levou Porcaria para passear.

Só um tempinho, um tempo roubado, como ela pensava, para não fazer nada. Depois trabalharia com Rowan – membro do conselho e dos Sábios –, e com mais alguns jovens bruxos, em poções e feitiços. Tinham que reabastecer os suprimentos usados durante a batalha.

Magia não era questão de abracadabra, e sim de esforço, habilidade, prática e intenção.

Depois, ela ajudaria a repor as plantações destruídas durante a batalha. Esperava convencer Sinead e Noreen a trabalhar com ela na terra, para que tomassem um pouco de ar e sol.

O treinamento vinha depois – sua parte menos favorita de qualquer dia. Treinar com a espada e no corpo a corpo compunha a tortura desse dia, e ela já antecipava as contusões.

Ela ficou surpresa ao notar como seus dias ali eram cheios, como passavam depressa. No entanto, mesmo achando o castelo infinitamente fascinante e a agitação do mar empolgante, sentia falta de sua linda cabana do outro lado, da fazenda no oeste de Talamh, de seus amigos de lá, de sua avó. E podia admitir só para si: sentia falta da rotina de autossatisfação que desenvolvera desde que deixara a Filadélfia, tantos meses antes.

Mas Breen era necessária na Capital, por enquanto, e havia entendido que simplesmente vê-la fazer as tarefas diárias dava esperança às pessoas depois de tantas perdas.

Ela deixou Porcaria brincar na água debaixo da ponte; mas, por meio de seu vínculo com ele, sabia que, embora isso o deixasse feliz, ele sentia falta da baía deles, de correr nos campos com os filhos de Aisling e de brincar com Mab, a lebre irlandesa que cuidava das crianças.

Ele saiu para se sacudir e ela o secou com um movimento de mãos. O vento de novembro estava forte, cheirava a mar e a terra revolvida. Breen viu algumas pessoas trabalhando nas hortas das colinas e dos campos, trazendo de volta à vida as colheitas de inverno.

Ela havia trabalhado com outros Sábios para curar o solo carbonizado e ensanguentado, e agora via os frutos de seu trabalho nas abóboras cor de laranja e amarelas, nas folhas verdes de couves e repolhos.

Flores e ervas nasciam de novo. Breen viu palha fresca nos telhados das casas, crianças brincando nos quintais, pessoas na aldeia olhando barracas e lojas, fumaça saindo das chaminés.

Vida e luz, pensou, eram coisas teimosas. Tinham que florescer e brilhar contra a escuridão, e assim seria. Eles não seriam apagados como uma vela; continuariam sendo chamas.

Ela tinha participação nisso, e faria o que fosse preciso para manter o fogo aceso.

Porcaria foi saltitando à frente e passou sob os galhos gotejantes de um salgueiro. Ela o seguiu e encontrou Flynn sentado em um banco de pedra, já com a cabeça do cachorro apoiada em seu joelho.

Não precisou ver a dor no rosto do homem, pois a sentiu como uma âncora em seu próprio coração.

Mesmo assim, ele sorriu enquanto acariciava o pelo encaracolado de Porcaria.

— Este cachorro é uma alegria.

— É mesmo.

— E em breve será muito famoso em músicas e histórias. Dá para ver muita coisa daqui. A aldeia e sua agitação, os campos e as colinas, a sombra das montanhas, e, se você prestar atenção, vai ouvir o tempo todo o rufar do mar ao fundo. Sua avó colocou este banco antes de eu nascer. Muitas vezes me sentei aqui com seu pai, pensando no silêncio. E ali — ele apontou e ela se aproximou —, naquela cabana, morava uma garota por quem eu tinha um desejo terrível quando era um jovem selvagem. Antes de Sinead, claro, pois ela colocou um cadeado em meu coração que ninguém pode quebrar. Mas o desejo foi real enquanto durou, e as lembranças dele são inofensivas e doces.

— Onde está essa garota agora?

— Ela se casou com um fazendeiro e eles têm três filhos... não, quatro. Vivem na região central e vêm para cá para fazer trocas e negócios. Sente-se aqui um pouco. Eu queria tomar um pouco de ar.

Ela hesitou, mas seu instinto lhe disse que ele precisava de companhia tanto quanto de ar. E, quando ele pousou a mão sobre a dela, depois que ela se sentou, Breen sentiu o coração dele e soube que estava certa.

— Quando seu pai e eu éramos pequenos, lá no vale, eu ansiava pela Capital, aquela agitação toda. Eu não era fazendeiro como Eian ou meu próprio pai. Nem inteligente como meu pai para construir coisas. Mas tinha a música, claro, e isso foi uma coisa que me ligou fortemente a Eian. Como eu adorava nossos momentos nos pubs, aqui e do outro lado, tocando! Eu, Eian, Kavan e Brian... Eles sempre foram irmãos para mim. Mas eu queria a vida de guerreiro, essa é a verdade. Formar uma família com Sinead no vale trouxe uma época de alegria e paz. Por um tempo. — Ele se voltou para olhar para ela. — Sua mãe o fez feliz. Você deveria saber disso.

— Eu sei.

Por um tempo, pensou Breen.

— Mas você, coelhinho vermelho, era o que fazia o coração dele bater, a luz da alma de Eian. Quando Odran a pegou... um homem menor poderia ter enlouquecido e deixado que a loucura e o medo o dominassem.

Mas seu pai não era um homem menor, por isso trancou aquele coração, usou a mente, o poder e a força. Assim como você, quando era pouco mais que um bebê. Assim como você — murmurou Flynn.

— Sua mãe me levou para casa de novo, e Sinead me embalou e cantou para mim. Lembro de tudo claramente agora, como me fizeram sentir segura de novo depois de ter sentido tanto medo. Quando voltei, Nan me ajudou a ver, no fogo, como meu pai e ela lutaram naquela noite. E... você, com suas grandes asas e a espada. Você lutou por mim, por eles, por Talamh — disse Breen.

— Foi uma noite terrível e brutal, mas eu queria muito ser um guerreiro, e por isso teria morrido por você, por eles, por Talamh. Foi uma escolha que eu fiz. Mas eu sobrevivi. Perdemos Kavan naquela noite.

— Eu sei.

— Ele era um irmão para mim. Depois caiu Brian, e Eian. A morte de meus irmãos arrancou pedaços de mim. Mas eu sobrevivi, como guerreiro, marido, pai, e avô também, aprendendo a viver sem os pedaços que a morte me tirou. Eu honrei a morte deles vivendo, fazendo e permanecendo.

— Eu sei disso. — Ela olhou para longe, como ele.

Um coelho, cinza como os olhos dela, saltou no campo sobre uma fileira de repolhos.

— Eu nunca havia perdido alguém próximo. Pensava que meu pai tivesse me abandonado.

— Ele nunca faria isso. Nunca.

— Agora eu sei disso, como sei que você honra a morte de quem ama vivendo, fazendo e permanecendo.

— Participo do conselho e faço o que posso para ser sábio e verdadeiro lá. Luto contra o que vem contra nós. Agora, Breen, abraço minha esposa, a esposa de meu filho, seu irmão, sua irmã, minha mãe e meu pai. Estes braços precisam ser fortes, porque eles perderam pedaços também. Mas meu menino, meu filho, que deu seu primeiro suspiro em minhas mãos, agora se foi. E a criança que espera para nascer não conhecerá o pai. A esposa dele nunca mais sentirá os braços de seu marido em volta dela. A mãe dele nunca mais ouvirá sua voz nem verá seu rosto. Esses pedaços se foram, e eu não sei viver sem eles.

Ela não sabia o que dizer, então simplesmente o abraçou. Não suportava a dor de Flynn, não havia poder que a ajudasse. Mas ela deixou que a dor avassaladora entrasse nela, e assim, pelo menos, a dor foi compartilhada.

— Você é um guerreiro — disse por fim —, um marido, um pai, um avô. E vai permanecer. O espaço de todos os pedaços que a morte tirou de você é preenchido pela luz dos que se foram. A luz de Phelin está em você agora e sempre.

As lágrimas queriam correr, mas ela não permitiu.

— Eu sinto a luz dele em você. E a de meu pai também. — Ela recuou um pouco para pousar a mão no coração de Flynn e, com os olhos nos dele, injetou nele o que sentia. — É tão brilhante que nem a morte pode ofuscá-la.

Flynn deitou a cabeça no ombro dela e suspirou.

— Ele teria ficado muito orgulhoso de você.

— A luz dele está em mim também.

Flynn ergueu a cabeça e acariciou o cabelo de Breen.

— Eu o vejo em você, e isso é um conforto. Você é um conforto para mim. — Ele lhe deu um beijo na testa. — Agradeço a todos os poderes que me colocaram neste lugar neste momento, com você. Coelhinho vermelho — murmurou antes de beijá-la de novo, e a deixou sozinha sob o salgueiro.

Sozinha, ela queria tremer sob aquela dor compartilhada, desmornar sob o peso dela.

Não ali, pensou, onde alguém poderia encontrá-la e vê-la. Afastando-se dos galhos, ela chamou seu dragão.

Pelo amor de Deus, ela precisava de ar, de distância, de alívio.

Quando Lonrach pousou, ela subiu nas costas vermelhas com pontas douradas dele.

— Espere aqui — disse a Porcaria antes que ele pudesse subir com ela. — Espere.

E fez Lonrach disparar para o céu. Alto e rápido, para sentir o ar sobre si, agitando seu cabelo e fazendo sua capa voar. O vento aumentava à medida que subiam, cada vez mais alto, por entre as nuvens e a umidade retida dentro delas. Quando viu Talamh, embaixo, espalhada como brinquedos de criança, Breen gritou.

Gritou, berrou a raiva tão firmemente aparafusada à dor. Sentiu o ar tremer, ouviu um trovão, viu um relâmpago, tudo provocado por seu grito. E não se importou.

Era dela, e só dela, por cada gota de sangue derramada, por todas as lágrimas, por todas as perdas. Escuro e claro, lados gêmeos de sua raiva, colidiram de modo que o céu girou e tremeu, as nuvens se quebraram e choraram. Erguendo os braços bem alto, com as mãos fechadas em punhos, ela deu as boas-vindas à tempestade.

— Eu o amaldiçoo! — gritou. — Juro por todos os deuses, por meu pai, por Phelin e por todos, que levarei a morte até você!

Ela fez Lonrach descer cada vez mais, mostrando-lhe aonde precisava ir, para o lugar aonde não tinha forças para ir desde aquele dia sangrento.

Quando o dragão pousou na floresta, em meio aos galhos que chitoteavam, a chuva que açoitava, ela pulou diante da árvore das cobras. Seu sangue havia aberto esse portal, permitindo a entrada do inferno em Talamh; ela, sua avó e Tarryn o haviam fechado com o sangue delas.

Breen puxou poder, mais e mais, ergueu o rosto para a tempestade e se fundiu com ela. E ficou ali parada, acesa como fogo, por dentro e por fora.

— Escute, Odran, o Maldito. Ouça-me e trema. Eu sou Breen Siobhan O’Ceallaigh. Sou filha dos feéricos, do homem e dos deuses. Eu sou luz e trevas, esperança e desespero, paz e destruição. Eu sou a chave, a ponte, a resposta. E, com tudo que sou, vou acabar com você. Seu sangue ferverá em suas veias, sua carne queimará e todos os mundos ouvirão seus gritos de medo e dor. Ouça-me, Odran; assim como os deuses uma vez o expulsaram, eu o farei virar cinzas, que nem mesmo o inferno levará. E você será nada. Este é meu voto. Este é meu destino.

Ela se manteve ali, com as mãos erguidas emitindo luz, seus olhos escuros e ferozes como a tempestade.

— Breen! Afaste-se daí!

Ela virou a cabeça e o poder junto. Keegan precisou levantar as duas mãos para bloqueá-lo e se proteger.

— Dê um passo para trás — repetiu ele. — Você arriscaria abri-lo com sua fúria?

— Não abrirá. Mas ele pode me ouvir.

— Você já disse o que queria, agora dê um passo para trás.

Como ela estava muito perto, lançando onda após onda de poder, ele se aproximou.

Quando pegou o braço dela, o choque quase sacudiu seus ossos, mas ele a puxou para longe.

Porcaria ficou ali, molhado e choramingando, enquanto ela olhava com poder e fúria nos olhos de Keegan.

— Você acha que pode me impedir?

— Se for preciso. — Ele se colocou entre Breen e o portal e viu um pouco da fúria dela se transformar em confusão. — Você tem que deixá-la ir agora.

— O quê? Deixar o quê ir?

— Você trouxe a tempestade, agora deixe-a ir.

— Ai, meu Deus. — Ela levou a mão ao rosto, estremecendo. — Desculpe, foi sem querer. — Tremendo, ela se abaixou. — Desculpe.

O vento parou; a chuva morreu. O poder que estremecia o ar desapareceu.

— Você não tinha nada que vir aqui sozinha — começou ele, mas ela se enrolou em posição fetal e começou a chorar.

Tendo se esvaziado da raiva, só restavam as lágrimas.

Keegan se abaixou quando Porcaria correu para choramingar encostado em Breen.

— Está tudo bem agora.

Ele acariciou seu cabelo, suas costas, seus ombros para aquecê-la e secá-la. E a abraçou, tentando encontrar as palavras. Mas tudo em que conseguia pensar era:

— Está tudo bem agora.

— Desculpe.

— Você já disse isso. Está feito e acabado. Chore se precisar, até esvaziar tudo também.

— Eu estava conversando com Flynn, e ele... Eu não aguentava mais. Não podia mais trancar tudo aqui dentro. Eu precisava...

— Gritar com os deuses.

Quando ela levantou a cabeça, ele inclinou a dele.

— Imagino que tenham ouvido você até no extremo oeste.

— Ai, sou uma idiota! — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Eu não deveria... assustei todo mundo quando...

— Assustou? Mulher, nós somos *talamish*, não uns fracotes que se assustam quando um dos nossos libera seu poder. E, do jeito que foi sua liberação, existe certo regozijo nisso. Mas a tempestade foi um pouco demais, as pessoas vão ter que correr atrás das roupas que voaram dos varais e tal.

— Desculpe...

— Não diga isso de novo, pelos deuses. É cansativo! Você me prometeu que não viria aqui sozinha.

— Eu não queria. — Soluçando de novo, ela sacudiu a cabeça. — Digo, não planejei nada. Acho que perdi a cabeça por um instante.

— Uma hora, no mínimo. Demorei para encontrar você, e teria demorado mais sem este aqui. — Fez um carinho em Porcaria. — Ele foi me buscar. Eu estava indo procurar você quando os céus se abriram. Imagino que você esteja cansada, depois de toda a energia que gastou e de tantos litros de lágrimas. Podemos partir agora de manhã, em vez de ir esta tarde.

— Partir? Para onde?

— Para o vale. — Ele se levantou e lhe ofereceu a mão para ajudá-la a se levantar.

— Não, Keegan. — Breen se levantou depressa. — Eu precisava purgar, desabafar, sei lá. — Ela olhou para o portal. — Eu precisava avisá-lo. Mas você não pode simplesmente me mandar de volta porque eu tive um momento de...

— Um momento, é? Foi a primeira vez na vida que eu vi ovelhas voarem.

— Ai, meu Deus!

— Mas nada pior aconteceu. E, embora seja verdade que eu a mandaria de volta, afinal sou o *taoiseach*, a questão é que sou necessário em outro lugar e já dei à Capital tempo suficiente. Por enquanto. Você vai comigo porque eu preciso disso, e sei muito bem que você também.

— Sim. — Ela deu um passo para a frente e deixou a cabeça cair no ombro dele. — Sim, eu preciso disso. Podemos ir agora?

— Podemos. Depois de um banho, você pode se despedir e recolher tudo que precisar levar. Eu não acharia ruim se você avisasse Marco pelo espelho para ele preparar alguma coisa para o jantar. As almôndegas dele cairiam bem esta noite.

— Tudo bem. — Suspirou Breen. — Vou passar um pouco de maquiagem para não parecer que andei chorando.

— Não. — Ele pegou a mão dela. — Eles ouviram sua dor, deixe que vejam. Deixe que vejam você. E saiba que Odran não tem uma oração no céu nem no inferno para se defender da mulher que eu vi ali parada, queimando como mil velas. Nem uma única. Agora venha, estamos perdendo tempo.

